

SÓROR JUANA: A FÊNIX MEXICANA

CARLOS DIEGO MORENO*

LOURDES JIMENEZ MORENO**

Resumo: Este trabalho tem como referência principal a obra de Octávio Paz, *Sóror Juana Inés de la Cruz: As Armadilhas da Fé*, e aborda sobre pesquisas e fatos da vida de uma fascinante monja mexicana do século XVII que, pela sua persistência e luta, abriu caminho para outras mulheres ocuparem lugar no mundo do conhecimento.

Palavras-chave: Octávio Paz; Sóror Juana Inés; Mulher intelectual; Nova Espanha.

Abstract: *Sor Juana: the mexican phoenix. This paper has its main reference in the work of Octávio Paz, Sóror Juana Inés de la Cruz: The Pitfalls of Faith, and approaches researches and facts of a XVII century mexican monk's fascinating life which, through her persistency and struggle, has provided ways to other women occupy places in the world of knowledge.*

Key-words: *Octávio Paz; Sóror Juana Inés; Intellectual woman; New Spain.*

* Especialista em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).
E-mail: <cadimoreno@yahoo.com.br>.

** Especialista em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).
E-mail: <lurdinhajim@yahoo.com.br>.

“As mulheres sentem que os homens as excedem, que parece que eu os igualo; uns não queriam que eu soubesse tanto, outros diziam que devia saber mais para tanto aplauso; as velhas não quiseram que outras soubessem mais, as jovens que outras pareçam bem, e uns e outros que visse conforme as regras de seu ditame, e de todos os pontos resulta um tão estranho gênero de martírio que não sei eu que outra pessoa tenha experimentado.”

Sóror Juana

Introdução

Sóror Juana, mulher intelectual, poeta barroca, viveu na América espanhola do século XVII onde índios, negros, mestiços, não-cristãos e mulheres compunham o grupo dos que não tinham privilégios. Pode-se pensar que uma mulher rica poderia ter melhores condições de vida, porém sua liberdade era limitada. A falta de espaço destes personagens nas sociedades em que viveram reflete-se ainda hoje no conhecimento que temos sobre o passado. Produzir conhecimentos sobre a história de mulheres, inclusive no continente americano, continua sendo uma necessidade àquelas que visam uma democratização e diversificação na produção historiográfica, assim como o resgate e a preservação de sujeitos históricos que contribuíram e ainda podem contribuir para uma melhor reflexão e compreensão da sociedade contemporânea.

Minoritária, douta, acadêmica, profundamente religiosa não num sentido criador, mas dogmático e, finalmente, hermética e aristocrática, a literatura novo-hispânica foi escrita por homens e por eles lida. [...] Por isso é realmente extraordinário que o escritor mais importante da

Nova Espanha tenha sido uma mulher: sóror Juana Inés de la Cruz. [...] Nem a universidade nem outras instituições de ensino estavam abertas às mulheres. A única possibilidade que tinham de penetrar no mundo fechado da cultura masculina era esgueirar-se pela porta entreaberta da corte e da Igreja. Embora pareça surpreendente, os lugares em que os dois sexos podiam unir-se com propósitos de comunicação intelectual e estética eram o locutório do convento e os estrados do palácio. Sóror Juana combinou ambos os modos, o religioso e o palaciano.¹

Desde a chegada dos primeiros europeus em território americano, consequência das expansões marítimas e do comércio com outras regiões, muitos preconceitos foram criados sobre as diversas culturas indígenas e, posteriormente, africanas. Culturas que até então não se conheciam se integravam de uma forma quase nunca harmoniosa. Histórias que se cruzavam e valores que se chocavam reinventavam as sociedades nascentes. Ambições imperialistas, projetos de colonização e expansão da fé cristã marcaram para sempre a história do continente, ditando normas e impondo limites para as novas sociedades que se formavam.

Sobre a história do México, Otávio Paz apresenta duas versões que mais se destacam: a do seu nascimento com o Estado asteca (ou até antes), que perde sua independência no século XVI e a recupera em 1821; e a que considera suas raízes no mundo pré-hispânico, sendo os três séculos da Nova Espanha o período de gestação e a Independência o amadurecimento da nação. É inegável que a chegada dos espanhóis no continente americano

¹ PAZ, Otávio. *Sóror Juana Inés de la Cruz: as armadilhas da fé*. São Paulo: Mandarim, 1998, p. 74.

represente uma linha divisória na história do México, até porque houve uma mudança de civilização.

Sabe-se que a “história oficial” do México, assim como da América e também de outros lugares, fora interpretada e escrita pelos europeus, deixando até os dias de hoje uma visão eurocêntrica sobre a realidade, complexa e difícil de desconstruí-la. Especialmente no século XVII e XVIII, a Nova Espanha se interessara sobre o passado pré-colombiano, porém de uma forma idealizada. Sendo a Nova Espanha ininteligível sem a presença do mundo indígena, Paz considera que a história do México não deve ser compreendida como um processo linear, mas sim uma justaposição de sociedades diferentes.

Da segunda metade do século XVII ao final do século XVIII, o México crescia e se desenvolvia enquanto a Espanha entrava em decadência. O comércio exterior espanhol enfrentava grandes dificuldades, afetando tanto a economia quanto a política do reino. Na Nova Espanha, o mercado interno crescia, as encomendas² davam lugar à contratação livre e a mineração se desenvolvia. No campo político, a relativa calma e estabilidade contrastavam com os distúrbios e intrigas da corte madrilenha, principalmente do final do reinado de Felipe IV (1621-1665) e durante o período de Carlos II (1665-1700).

Na Nova Espanha, com seu forte Estado centralizado e uma burocracia poderosa, existia um sistema de jurisdições especiais

² Modo de trabalho compulsório imposto aos indígenas que, em troca, recebiam a catequese. Cf. CARDOSO, Ciro Flamarion. *O trabalho na América Latina Colonial*. São Paulo: Ática, 1985, p. 44-68.

para cada grupo, acentuadamente hierárquica e paternalista, com leis específicas para ordens religiosas e a Igreja; outras para os encomenderos, comerciantes, mineiros; e também estatutos especiais para os diferentes grupos étnicos, etc.

Paz, a monja e a obra

Tendo como principal referência a obra de Octávio Paz, *Sóror Juana Inés de la Cruz: As Armadilhas da Fé*, pretende-se utilizar relatos de sua biografia com o intuito de conhecer e refletir sobre sua polêmica e sedutora história.

A decisão de escrever uma biografia implica a crença na capacidade de se chegar até a individualidade, até a personalidade do personagem que constitui o tema da biografia, porque se pode dispor dos meios documentais e instrumentos metodológicos para tanto. Uma verdadeira biografia histórica não pode ser senão a tentativa de descrever uma figura individual, sem logicamente separá-la de sua sociedade, de sua cultura, de seu contexto; pois não há oposição entre indivíduo e sociedade, e sim uma permanente interação entre eles. É preciso então tentar demonstrar que se tem essa possibilidade.³

Sóror Juana passou parte de sua vida enclausurada em um convento de dominação masculina, no México colonial. Sua talentosa figura levou escritores e estudiosos a investigar e tentar desvendar a história da monja, que viveu há quatro séculos. Em 1910, Amado Nervo escreveu *Juana de Asbaje*, dedicado a todas as mulheres do México. Entre 1910 e 1930, apareceram alguns estudos

³ LE GOFF, Jacques. *Uma vida para a História*. São Paulo: UNESP, 1997, p. 261.

eruditos, mas foram os *Sonetos*, de Jorge Cuesta, que despertaram o interesse de Otávio Paz, escritor e poeta mexicano que, pela primeira vez, leu os poemas de sóror Juana.

Em 1950, em Paris, Paz escreveu um pequeno ensaio a pedido do diretor da *Revista Sur*, José Bianco, pela comemoração do terceiro centenário do nascimento de sóror Juana. É convidado, em 1971, a administrar alguns cursos na Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, e escolhe como tema de um deles *Sóror Juana Inés de La Cruz*. Em 1974, no Colégio do México, ministrou uma série de conferências sobre a religiosa. Em 1975, ao reler anotações e ouvir as gravações, pensou escrever um livro que fosse um estudo minucioso sobre a vida e obra de sóror Juana envolvendo o momento histórico do México. Em 1976, conclui as três primeiras partes. Retorna em 1980 e, em 1981, conclui as três últimas partes e publica o livro com o nome de *Sóror Juana Inés de La Cruz: As Armadilhas da Fé*.

Vivendo no século XX e com seu olhar voltado para a complexa estrutura do México colonial do século XVII, pesquisa e divulga a obra da monja mexicana que se destacou tanto no contexto da literatura barroca de língua hispânica, quanto no cenário da moderna poesia ocidental. Para ele, a freira intelectual antecipou inquietações dos poetas modernos hispano-americanos e europeus e, suas obras, inspiradas na era barroca, ultrapassaram os limites geográficos de seu país.

É lícito ver nos poemas de sóror Juana Inés de La Cruz certas peculiaridades que, embora sejam até de origem psicológica, constituem

variedades dos estilos predominantes de sua época. A soma dessas variantes e peculiaridades faz de sua obra alguma coisa única, original e auto-suficiente. Contudo, embora nos pareça única – e assim é de fato –, é evidente que a poesia de sóror Juana está relacionada com um grupo de obras, umas contemporâneas e outras vindas do passado, da Bíblia e dos Pais da Igreja até Góngora e Calderón. Elas constituem uma tradição e por isso surgem aos olhos dos escritos como modelos a serem imitados ou rivais a serem iguados. O estudo da obra de sóror Juana imediatamente nos coloca em relação com outras, e estas com o ambiente intelectual e artístico de seu tempo, ou seja, com tudo isso que constitui o que se chama ‘o espírito de uma época’. O espírito e alguma coisa mais que o espírito: *o gosto*. Entre a vida e a obra encontramos um terceiro termo: a sociedade, a história. Sóror Juana é uma individualidade poderosa e sua obra possui inegável singularidade; ao mesmo tempo, a mulher e seus poemas, a freira e a intelectual se inserem numa sociedade: a Nova Espanha do final do século XVII.⁴

A escassez de notícias sobre os principais fatos da vida de sóror Juana e o desaparecimento de documentação não foram obstáculos para que ela se tornasse a personalidade do século.⁵ Através das obras de sóror Juana e escritos sobre ela, podemos estudar a mulher e seus poemas, a freira e a intelectual inserida na sociedade da Nova Espanha do século XVII, sendo não só um produto da história, mas também fazendo da história seu produto.

A leitura de sóror Juana deve ser feita diante do silêncio que rodeia suas palavras. Esse silêncio não é uma ausência de sentido; ao contrário, aquilo que não se pode dizer é o que diz respeito não só à ortodoxia da Igreja católica, mas também às ideias, interesses e paixões de seus

⁴ PAZ, op. cit., 1998, p. 17.

⁵ Juana combinava uma erudição singular com muita formosura, o que despertara a curiosidade e o cortejo de muitos. Para o padre Núñez, seu confessor, seria uma calamidade se Deus permitisse que ela fosse a personalidade do século.

príncipes e suas ordens. A palavra de sóror Juana constrói-se frente a uma proibição, que se sustenta numa ortodoxia, encarnada numa burocracia de prelados e juizes. A compreensão da obra de sóror Juana inclui a da proibição que ela enfrenta. Seu dizer nos leva ao que não se pode dizer, este, a uma ortodoxia, a ortodoxia, a um tribunal e o tribunal, a uma sentença.⁶

Octávio Paz, para escrever sobre a vida de sóror Juana, utilizou-se de dois textos básicos: sua carta ao bispo de Puebla, Manuel Fernandez de Santa Cruz (*Respuesta a Sor Filotea de La Cruz*) e a biografia do jesuíta Diego Calleja. Sua certidão, seu testamento e o de sua mãe, contratos de compra e venda, sua profissão de fé e outros escritos também foram utilizados. Conforme esclarece o autor, a obra de Juana Inés intriga e apaixona eruditos, críticos e leitores. O livro tenta responder perguntas como: Por que escolheu, sendo jovem e bonita, a vida de freira? Qual foi a verdadeira índole de suas inclinações afetivas e eróticas? Qual o significado e lugar de seu poema *Primer Suenõ* na história da poesia? Quais foram suas relações com a hierarquia eclesiástica? Por que renunciou a paixão de toda sua vida: as letras e o saber? Para Octávio Paz, a interpretação biográfica é um caminho para chegar à obra.

O Império Espanhol e os vice-reis

No século XVII, parte da Europa transformava sua ordem social, política, econômica e religiosa. Entre a ordem oficial e a desordem

⁶ PAZ, op. cit., 1998, p. 19.

extra-oficial, a Espanha – com sua visão única e dogmática sobre o mundo – resistia a essas mudanças que caracterizariam a Idade Moderna. Se na ética calvinista a salvação do *próximo* não depende da ação humana, mas sim da graça divina, no catolicismo espanhol e português a evangelização do *outro* era possível, servindo como justificativa para a conquista e dominação.

Considerando a ortodoxia da Contra Reforma espanhola um movimento antimoderno, Carlos Fuentes cita duas ordens que iluminam os extremos religiosos do Império Espanhol: o caso de Santa Tereza de Jesus (1515-1582), com sua severidade para expiação dos pecados alheios, decidida a restaurar a dignidade da sua ordem carmelita, tendo como meta o ápice da autonegação; e a Companhia de Jesus, fundada por Inácio de Loyola em 1540, que através da educação, assumia seus compromissos seculares de forma mais flexível no contato com o mundo, influenciando bastante as diferentes camadas sociais na Espanha e América Espanhola, até serem expulsos durante as reformas iluministas dos Bourbon.⁷ Na Espanha, o catolicismo era uma religião antiga e estava na defensiva, na América era nova e criadora. Diferente de outras colonizações, a espanhola e a portuguesa têm como características a conquista e a evangelização, heranças das cruzadas cristãs e da Reconquista.⁸

⁷ FUENTES, Carlos. *O espelho enterrado: reflexões sobre a Espanha e o Novo mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001, p. 189-190 e STEIN, Stanley. *A herança colonial da América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p. 13-66.

⁸ Conflitos travados principalmente contra os mulçumanos na Baixa Idade Média.

Nesse mesmo século, o Império espanhol contava com 40 milhões de habitantes, cidades repletas de mendigos, pícaros e ladrões em contraste com o mundo da nobreza, composta por fidalgos, cavalheiros e próceres. Nas colônias espanholas da América, as economias agrárias e minerais contavam com uma base urbana. Nestas cidades, onde o instinto palaciano e o sonho dos poderosos de viverem numa sociedade cortesã retardavam o comércio, desigualdades e tensões se intensificavam.

A pretensão de ser algo distinto parece ser uma das marcas das sociedades urbanas barrocas, divididas entre ricos e pobres, ordens eclesiásticas em disputa, namoros apaixonados e rejeições igualmente apaixonadas do sexo e do corpo. Ao que parece, coexistiram na época colonial um estrito puritanismo e uma explosão de libertinagem.⁹

A cultura espanhola em contato com tantas outras no continente americano gerou muitas dúvidas e ambiguidades. Ideais e realidade se distanciavam, gerando um vazio que fora preenchido pelo barroco, arte da abundância, do paradoxo, fundamentada na insegurança.¹⁰

Os vice-reinados reproduziam características e estruturas políticas semelhantes à metrópole. As hierarquias eram fixas, porém estavam sujeitas a algumas mudanças que pudessem interessar o governante. Cargos e favores podiam ser comprados e esta era uma prática comum nas cortes europeias. A Audiência, os visitantes e o juízo de residência eram disposições que limitavam o poder do vice-rei.

⁹ FUENTES, op. cit., 2001, p. 210.

¹⁰ FUENTES, op. cit., 2001, p. 196.

Os vice-reis da Nova Espanha eram também governadores e capitães-gerais bem como presidentes da Real Audiência. Os quatro títulos designavam quatro funções e jurisdições. [...] os vice-reis não podiam levar seus filhos, filhas, genros e noras à Nova Espanha. [...] A Nova Espanha era um intrincado tecido de influências, poderes e jurisdições; diante do poder político e judicial do vice-rei e a Audiência, o poder moral e religioso do arcebispo do México. Este, por sua vez, tinha um rival no bispo de Puebla, a outra grande cidade. E ambos deviam enfrentar as poderosas ordens religiosas. As divergências entre os príncipes da Igreja podiam ser terríveis, como comprovou amargamente, no fim de sua vida, sóror Juana Inés de la Cruz.¹¹

Durante a vida de sóror Juana, quatro vice-reis a protegeram: o marquês de Mancera, frei Payo de Rivera, o marquês de la Laguna e o conde de Galve. Ao chegarem à Nova Espanha, os vice-reis eram recepcionados com uma grande peregrinação ritual, desde a entrada na cidade de Veracruz, onde acontecia a entrega simbólica da chave da cidade e a celebração do *Te Deum*, até a Cidade do México.¹² No trajeto, eram recebidos num clima festivo por autoridades e líderes indígenas, que ofereciam flores e faziam discursos em seus idiomas.

As festividades constituíam uma liturgia política. Sua função era dupla: de um lado, eram uma reiteração ritual dos vínculos que uniam o rei aos seus súditos na Nova Espanha; de outro, nesses atos compunham as duas nações que, de acordo com uma ficção jurídica, formavam o reino: a nação espanhola e a índia se misturavam num todo unitário. No rito realizava-se, simbolicamente, uma dupla relação – a do senhor com seu vassalo e a do povo consigo mesmo.¹³

¹¹ PAZ, op. cit., 1998, p. 42-46.

¹² *Te Deum* é um hino cristão, usado principalmente na liturgia católica como parte do Ofício de Leituras da Liturgia das Horas e outros eventos solenes.

¹³ PAZ, op. cit., 1998, p. 205.

No ano de 1680, para celebrar a entrada do vice-rei, Marques de la Laguna na cidade do México, foram erguidos: o Arco do Triunfo na Praça de Santo Domingo, sob a responsabilidade de Don Carlos de Sigüenza Y Góngora; e o Arco do Triunfo idealizado por Sórora Juana, erguido na porta da Catedral com o título de *Netuno Alegórico*. As cores mitológicas e a simbologia de suas linhas representavam a virtude de reis e príncipes. Os dois religiosos foram designados por uma comissão que lhes proporcionaram, além da honra do nobre encargo, a possibilidade de aproximação do novo vice-rei e conseguir favores.

Juana Ramírez de Asbaje: família e Corte

Devido à ausência de fontes primárias, existem algumas divergências em relação à data de nascimento de Juana. Alguns afirmam que se deu no dia 12 de novembro de 1651, porém, uma certidão de batismo na paróquia de Chimalhuacán, com os nomes dos irmãos da mãe de Juana como padrinhos da criança *Inés, filha da Igreja*, batizada em 2 de dezembro de 1648, registra o provável ano de nascimento de Juana Inés.

Nasce em San Miguel Nepantla, um povoado próximo da Cidade do México. Filha natural, sua mãe foi a *crioulla* Isabel Ramírez de Santillana e, seu pai, Pedro Manuel de Asbaje y Vargas Machuca, um fidalgo biscaíno. Aos três anos de idade recebeu as primeiras lições através da professora de uma de suas irmãs mais

velhas e, aos seis ou sete anos, já sabia ler e escrever. Passou grande parte de sua infância com o avô materno, Pedro Ramírez, de quem ganhou o sobrenome, e foi na biblioteca dele que descobriu os livros e se encantou com a leitura. Aprendeu *nahuatl*, uma língua nativa, com os escravos da fazenda do avô, onde se plantava milho e mandioca. Aprendeu latim escutando as aulas que eram dirigidas às suas irmãs. Na Nova Espanha existiam dois caminhos para a educação: o dos clérigos e membros da Igreja; e o das universidades. Quando jovem, se veste de homem e pede à mãe que a enviasse à Universidade, mas diante da impossibilidade, por ser mulher, se veste de monja e concretiza seus ideais como poeta e intelectual.

Alternou seus deveres religiosos com o estudo de filosofia, teologia, línguas, astronomia, música e pintura. Reuniu cerca de 4.000 livros, cultivou o teatro, a prosa e a poesia tanto sagrado como profano. Suas obras foram inspiradas em Góngora, Calderón, Quevedo e nos filósofos Platão e Aristóteles. Em 1690, era conhecida em boa parte do mundo hispânico. Seu avô morre em 1656. Logo após, o capitão Diego Ruiz Lozano entra na vida de sua mãe Izabel. Em seguida nasce seu meio irmão Diego. É nesse momento que é enviada para a Cidade do México onde é acolhida por sua tia materna Maria Ramírez e seu marido Juan de Mata. Ignora-se que suas irmãs mais velhas, Maria e Josefa de Asbaje, tenham ido morar com outros parentes.

É apresentada pelos Mata ao palácio vice-reinal aos 16 anos, quando chegavam ao México o novo vice-rei, Antonio Sebastião de

Toledo e sua esposa Leonor Carreto, marquesa de Mancera, que fica impressionada com sua inteligência e encanto. Entre os 16 e 20 anos, Juana Inés passa a viver ao lado dos vice-reis. No palácio havia saraus, festas e cerimônias. Segundo Calleja, biógrafo de sóror Juana, ela era rodeada de lisonjas e, sem referir-se a algum amor, diz que seria absurdo descartar os devaneios e os amoricos, considerando a jovialidade de Juana e seu gosto pelo mundo. No seu século, amor e casamento eram coisas diferentes. O amor não podia levar Juana ao casamento, pois além da falta de dote e de pai ela não tinha vocação para tal.

Se como freira foi dada aos prazeres mundanos, por que não seria assim quando não estava presa aos votos religiosos? Em muitos poemas alude às festas e bailes do palácio com um conhecimento que vem de experiência própria. [...] Por que não aceitar o que ela própria nos diz, ou seja, que não sentia inclinação pelo estado matrimonial?¹⁴

Juana Inés sempre foi uma menina solitária que brincava sozinha. Curiosa, estava sempre atenta às histórias das empregadas e às lendas dos mais velhos, aumentando seu saber a cada dia. É o que se deixa entender em sua *Respuesta a Sor Filotea de La Cruz*, em que transparece seu gênio vivaz e brincalhão. A curiosidade intelectual foi sua grande paixão. Em *Respuesta*, diz que, aos três anos de idade conseguiu, com insistência, que a professora de suas irmãs mais velhas lhe ensinasse algumas lições e que não comia queijo porque diziam que este deixava as pessoas abobadas – o desejo de saber em Juana era maior do que o de comer. As lembranças de sua

¹⁴ PAZ, op. cit., 1998, p. 140-153.

infância, o ambiente de sua casa, a convivência com suas irmãs, as histórias das empregadas, o trabalho, os autos e baixos de sua família *crioulla* numa fazenda no alto da montanha, entre as fuligens do vulcão Popocatepetl e os canaviais tropicais talvez tenham sido uma das hipóteses de sua masculinidade.

Neste seu relato autobiográfico, sóror Juana pouco cita sua família e nada diz sobre sua mãe e seus dois amantes, que para Paz, poderia ser a chave de sua situação psíquica.¹⁵ Pergunta-se qual foi a relação de Juana com seu pai Pedro Manuel de Asbaje? Presume-se que ele tenha se separado de sua mãe Izabel quando ela tinha cinco ou seis anos. O autor acredita que o fato de ela quase nunca mencionar o pai é mais uma prova de abandono. Talvez ela tenha matado simbolicamente o pai, mesmo antes de seu falecimento, ocorrido antes de 1669. Em seus poemas amorosos, fala do amado apenas como uma imagem, uma sombra, jamais como alguém que de fato existiu. A figura masculina em sua vida é a do avô materno. Através dos livros de seu avô, conhece o mundo masculino de leituras e de ideias, diferente de tudo que vivenciou em sua casa.

Em 1666, Juana Inés entra para a corte do vice-rei. A proteção da vice-reina, Leonor Carreto e seu marido, marcará decisivamente a produção de suas obras literárias. Ela desenvolverá o seu intelecto e sua capacidade literária, sendo dama de companhia da

¹⁵ Sóror Juana deixa uma lacuna em *Respuesta* ao não comentar 10 anos de sua vida. Fala da infância e salta para a vivência no Convento, já com 21 anos de idade.

vice-reina. Em repetidas ocasiões escreveu sonetos, poemas e elegias fúnebres que eram bem recebidas na corte.

A corte, centro e auge da sociedade, torna inteligível esta imagem e lhe confere sentido. A corte não só teve uma influência decisiva na vida política e administrativa, como também foi o modelo da vida social. Sem a corte não podemos compreender nem a vida nem a obra de sóror Juana; não só viveu nela no início de sua juventude, mas sua vida pode ser vista como a história de suas relações, ao mesmo tempo íntimas, frágeis e instáveis, com o palácio do vice-rei.¹⁶

Na Nova Espanha, a corte transmitia os costumes aristocráticos europeus e proporcionava uma sociabilidade diferente do que as outras duas instituições, Igreja e Universidade, propunham.

Convento, intrigas e o fim

Sóror Juana viveu num século religioso em que inúmeros mosteiros e conventos foram construídos na Nova Espanha. Eram locais onde exerciam atividades econômicas através dos trabalhos de freiras e seus dependentes. A Companhia de Jesus teve papel significativo na educação e na cultura novo-hispânica. As ordens monásticas ofereciam orientações culturais e a prática da beneficência. O convento que abrigava freiras espanholas não era o mesmo que abrigava as freiras *criollas*. A pureza de linhagem e os dotes eram requisitos rigorosos para o ingresso na vida religiosa. Devido a essa exigência, sóror Juana afirma, ao professar, ser filha legítima

¹⁶ PAZ, op. cit., 1998, p. 47.

de Pedro de Asbaje e Izabel Ramírez, omitindo assim, sua condição real de filha ilegítima. Para a maioria dos freis e freiras o claustro era uma carreira, uma profissão religiosa.

A riqueza dos conventos se refletia interna e externamente. Eram pequenas cidades onde suas celas se equiparavam a apartamentos ou casinhas construídas nos imensos pátios. A cada três anos havia votação secreta para eleger a priora ou abadessa e seus signatários. Esses acontecimentos acabavam provocando paixões e rivalidades entre as freiras.

O fato de saber que Juana não desejava se casar chamou a atenção do padre Núñez de Miranda, confessor dos vice-reis que lhe propôs a entrar para uma ordem religiosa. Primeiro entrou para as Carmelitas, com dezenove anos, cuja regra era de extrema rigidez, motivo que a levou a um período de convalescência. Após sua recuperação, ingressa na Ordem das Jerônimas (1669), onde a disciplina era menos rigorosa e sua cela possuía dois pisos e servientes à disposição. A riqueza de sua biblioteca contendo obras que influenciaram a freira em seus estudos e escritos era o local que lhe permitia celebrar tertúlias e receber visitas. Os pintores Juan de Miranda e Miguel Cabrera retrataram a monja em sua célebre biblioteca e Otávio Paz afirma que “uma biblioteca é o reflexo de seu dono. Sóror Juana era freira e poeta, afeiçoada a teologia e à mitologia, amante da música e curiosa pelas ciências e informações raras.”¹⁷

¹⁷ PAZ, op. cit., 1998, p. 340.

Imagem 1. Retrato de S or Juana In s de la Cruz, feito em 1750 pelo pintor Miguel Cabrera



Fonte: CABRERA, 2013.

Sóror Juana ficou nove anos no cargo de contadora onde foi reeleita por duas vezes. Dentro do convento havia uma vida política de intriga e tirania. Os conventos tinham sua autonomia, porém em situações extremas, recorria-se às autoridades superiores e, em alguns casos, até em Madri e em Roma.

O voto da clausura não era totalmente respeitado, uma vez que as freiras recebiam visitas da vice-rainha e suas damas, e do vice-rei e seus familiares. Embora as freiras fossem obrigadas a se apresentarem com o rosto coberto por um véu diante de visitas, isto não era obedecido. Havia aqueles que cortejavam as freiras através de canções, crônicas e poemas, costume este que vinha da Idade Média.¹⁸

As freiras também conviviam com a arte de se martirizar, com a prática da penitência e realizações de milagres. Conforme conta seu amigo e protetor Siguenza y Góngora, sóror Juana viveu nesse ambiente e não perdeu o tino.¹⁹ Manteve distância entre seu entendimento racional e as turvas seduções do ascetismo, a milagraría e a falsa mística. Ela foi humana em sua decisão de não querer ser nem santa e nem diaba.

Nesse período houve muitas especulações sobre a afetividade e amizade que mantinha com Maria Luiza, Condessa de Paredes e Marquesa de la Laguna, esposa do vice-rei da Nova Espanha, Don

¹⁸ O arcebispo do México, Frei Garcia Guerra, era assíduo visitante do Real Convento de Jesus Maria. Lá apreciava os cantos populares de uma freira professora nas artes musicais e saboreava os petiscos de outra dedicada à culinária.

¹⁹ PAZ, op. cit., 1998, p. 181.

Tomás Antonio de la Cerda. A resposta às insinuações de seu amor pela condessa estaria contida nos seguintes versos:

Pues no soy mujer que a alguno
de mujer pueda servirle
y solo sé que mi cuerpo,
Sin que a uno u otro se incline
Es neutro, o abstracto, cuanto
sólo el alma deposite.²⁰

Conforme analisa Paz, a profissão religiosa neutralizou sua sexualidade e seu corpo não se inclina nem ao masculino nem ao feminino. Sua alma, porém responde a outras almas e se corresponde com elas, sem distinção de sexo.²¹ Sórora Juana sofreu todos os preconceitos da época por ser mulher, freira, bela e intelectual. Em suas obras contesta e critica os pudores e a hipocrisia daquela sociedade pautada na religiosidade. É reprovada pelo padre Núñez de Miranda e, sob a proteção da vice-reina, Leonor Carreto, resolve não tê-lo mais como seu confessor. No seu poema *Hombres Néscios* (Homens Estúpidos), defende o direito da mulher de ser respeitada como ser humano:

Hombres néscios que acusáis
a la mujer sin razón,
sin ver que sois la ocasión
de lo mismo que culpáis:
si com ansia sin igual
solicitais su desdén,
¿por qué quereis que obren bien

²⁰ PAZ, op. cit., 1998, p. 304.

²¹ PAZ, op. cit., 1998, p. 304.

si la incitais al mal? [...]
Siempre tan necios andáis
que, con desigual nivel
a una culpáis por cruel
y a otra por fácil culpáis. [...].²²

A poesia filosófica intitulada *Primer Sueño* foi escrita por inspiração e gosto próprio da monja mexicana. É o poema mais complexo e mais extenso de suas obras. Em alguns de seus trechos percebe-se o profundo conhecimento da monja poeta em mitologia e em física, resultado de anos de dedicação ao saber. Ao analisar o poema, Octávio Paz, assim como outros estudiosos do barroco e da literatura mexicana, entrou no suntuoso mundo de imagens e conceitos dos versos de sóror Juana e enfatizou o caráter intelectual e crítico do poema que seria uma antecipação da poesia de Stephane Mallarmé *Um coup de dés* (1897), em que invoca o voo solitário do espírito humano que culmina em queda e contemplação do vazio.

Conforme Paz, o poema nos fala de um fracasso: o da alma humana que, desligada do corpo durante o sono, realiza uma viagem, um voo intelectual e tenta subir sozinha à grande pirâmide de conceitos. Em certos momentos se vê impedida pelo surgimento do sol e pelo despertar do corpo. Essa não revelação é associada a uma outra revelação: a consciência de que o fracasso é também um saber. Essa consciência, segundo o autor, está ligada ao pensamento moderno e que é ressaltada de maneira radical no poema

²² Hombres Nécios. In: *Poesia de Mujeres*. Disponível em: <<http://www.poesiademujeres.com/2011/05/hombres-necios.html>>. Acesso em: 10 jun. 2013.

de Mallarmé. Ambos os poemas tem como personagem invisível o espírito humano sem pátria, frente ao céu estrelado.

Com o apoio da vice-reina, Condessa de Paredes, publicou os dois primeiros volumes de sua obra na Espanha. A partir daí, passou a ser conhecida e admirada no mundo das letras.

Uma vez que ninguém era mais silencioso, na sociedade colonial, do que as mulheres, talvez só uma mulher tenha podido dar voz a essa sociedade, sem deixar de admitir, lucidamente, as divisões da sua cabeça e do seu coração. “*Em dos partes dividida, tengo el alma em confució: una esclava a la pasión, y outra, a la razón medida.*” [...]. Todavia, derrotou os que a silenciaram. Sua poesia barroca teve, para sempre, a capacidade de abraçar as formas e palavra da pujança do Novo Mundo, seus novos nomes, sua nova geografia, sua flora e fauna, nunca antes vistos por olhos europeus. Ela própria se perguntou se sua poesia não era um produto da terra. “*Que mágicas infusiones, de los índios herbolarios, de mi Patria, entre mis letras, el hechizo derramaron?*”²³

A pedido do Bispo de Puebla, Don Manuel Fernandez de Santa Cruz, sóror Juana comenta por escrito o *Sermão do Mandato*, do erudito Padre Antonio Vieira, apontando erros teológicos, atingindo o grupo mais poderoso de sua sociedade: os jesuítas. Em 1690, envia a carta a Dom Manuel Fernandes que, sem o consentimento da monja, publica os referidos comentários com o nome de *Carta Atenagórica* e assina o prefácio com o nome de Sóror Filotea de la Cruz. Essa carta causou polêmicas e discussões naquela sociedade religiosa, gerando

²³ FUENTES, op. cit., 2001, p. 203. Ver, também: Yo, la peor de todas. Direção: Maria Luisa Bemberg. Produção: Lita Stantik. Intérpretes: Assumpta Serna, Dominique Sanda, Hector Alterio, Lautaro Murua, Alberto Segado e outros. Roteiro: Maria Luisa Bemberg e Antonio Larreta. [S.I.]: Assai Communications; Screening 22 Films Int.; GEA Cinematográfica, 1990. 1 bobina cinematográfica (107 min).

um período conturbado na vida de sóror Juana que escreve *Respuesta a Sóror Filotea de la Cruz*²⁴ e faz uma inflamada defesa sobre o trabalho intelectual da mulher.

O jesuíta Aguiar y Seixas é nomeado em 1681 arcebispo da Nova Espanha. Era grande amigo do jesuíta Antônio Vieira. Embora caridoso com os pobres, detestava o teatro, a poesia e as mulheres. Sóror Juana acabou sendo uma vítima de sua soberba.

O arcebispo do México nos tempos de sóror Juana, Aguiar y Seixas, tinha tamanho ódio às mulheres que não as permitia em sua presença e, se acidentalmente defrontava uma, logo cobria o rosto com as mãos. Seu horror à água (outra fobia hispânica e católica) era igualmente cáustico e, em sua fúria, havia ainda o fato de que caminhava ajudado por muletas, e as usava com violência, como ficou sabendo o poeta Carlos de Sigüenza y Góngora, amigo e protetor de sóror Juana, quando o arcebispo lhe quebrou os óculos e lhe cortou o rosto no meio de uma contenda teológica. Aguiar y Seixas também conseguiu reprimir as brigas de galo, o jogo, os romances e, obviamente, sempre que possível, as mulheres.²⁵

A monja sofre profundas críticas e constantes pressões do alto clero da Nova Espanha, o que a leva interromper suas atividades poéticas que até aquele momento conciliara com suas responsabilidades religiosas. Se reconcilia com o Bispo Núñez de Miranda e, sob o risco da inquisição, fora aconselhada por ele, a abandonar seus estudos e leituras. Após várias semanas de confissão, sóror Juana, através de documento, reconhece seus pecados como enormes e sem igual. Escreve com seu

²⁴ *Respuesta* aborda sobre a educação das mulheres e seu direito de comentar e interpretar as Escrituras. Só foi publicada após sua morte.

²⁵ FUENTES, op. cit., 2001, p. 211.

próprio sangue o seu arrependimento por ter escrito obras profanas e demonstra sua intenção em atingir a perfeição religiosa. Com a falta de apoio dos novos governantes da Nova Espanha, com os conselhos de seu confessor e, provavelmente, com o risco de ser julgada pela inquisição, a mulher forte e corajosa, pressionada, acabou fragilizada emocionalmente, o que a levou a entregar seus livros, instrumentos musicais e todos seus objetos de estudos, passando a dedicar-se apenas às obras sagradas do mundo religioso.

O Convento de São Jerônimo sofre um surto de peste que leva à morte muitas monjas. Sórora Juana se dedicou a cuidar de todas as doentes e, por fim, acabou sendo contaminada pela doença, falecendo em 17 de abril de 1695.

Considerações finais

Através de um profundo estudo biográfico de Sórora Juana Inés de La Cruz, Otávio Paz a coloca como uma mulher intelectual a frente de seu tempo, que viveu intensamente sua época e é considerada de extrema atualidade no cenário contemporâneo. Como ele mesmo diz, seu livro não é o primeiro sobre sórora Juana, nem será o último.

Ao percorrer a vida de sórora Juana, entende-se que apesar de todo o enigma que envolve sua história, o que a eterniza na condição de mulher é o seu conhecimento, a sua determinação e o poder de sua escrita que desafiaram e questionaram imposições e limites da sociedade colonial, e também, por meio da escrita de outros pesquisadores, essa emblemática mulher continua presente e instigante, se refazendo a cada geração, como o voo da fênix.

Referências

Bibliografia

CARDOSO, Ciro Flamarion. *O trabalho na América Latina Colonial*. São Paulo: Ática, 1985.

FUENTES, Carlos. *O espelho enterrado: reflexões sobre a Espanha e o Novo mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

LE GOFF, Jacques. *Uma vida para a História*. São Paulo: UNESP, 1997.

PAZ, Otávio. *Sóror Juana Inés de la Cruz: as armadilhas da fé*. São Paulo: Mandarim, 1998.

STEIN, Stanley. *A herança colonial da América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

Fontes

CABRERA, Miguel. *Retrato de Sóror Juana Inés de la Cruz*. Disponível em: <<http://cuadrivio.net/2010/08/heinrich-von-kleist-o-como-ser-un-au%CE%B2enseiter-sin-sobrevivir-en-el-intento/>>. Acesso em: 30 maio 2013.

Hombres Nécios. In: *Poesia de Mujeres*. Disponível em: <<http://www.poesiademujeres.com/2011/05/hombres-necios.html>>. Acesso em: 10 jun. 2013.

Yo, la peor de todas. Direção: Maria Luisa Bemberg. Produção: Lita Stantik. Intérpretes: Assumpta Serna, Dominique Sanda, Hector Al-

terio, Lautaro Murua, Alberto Segado e outros. Roteiro: Maria Luisa Bemberg e Antonio Larreta. [S.I.]: Assai Communications; Screening 22 Films Int.; GEA Cinematográfica, 1990. 1 bobina cinematográfica (107 min).

Recebido em 28 de julho de 2013; aprovado em 27 de novembro de 2013.